

MARTE VIVA

DIRECTOR: (interino) VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I N.º 13 — PREÇO 3\$50 — 22/9/76

De Semana a Semana

Uma tarefa urgente

O último fim-de-semana foi marcado por uma série de acidentes de viação de graves proporções, que ultrapassaram nas suas consequências aquilo que já vem sendo uma constante do dia a dia nas estradas de Portugal. Estes acontecimentos vieram tornar mais actual um problema que se arrasta há vários anos e para o qual não se encontrou solução. Mas só se soubermos que em Portugal morrem anualmente quase três mil portugueses em acidentes de viação poderemos ter uma ideia correcta da dimensão do problema.

Que fazer? Melhorar as estradas? Certo. Reforçar a fiscalização? Também correcto. Mas será suficiente? Não o cremos.

A solução ter-se-á de procurar nas causas primeiras da situação. E elas estão no indivíduo que se senta ao volante, que toma nas suas mãos um instrumento que pode ser de trabalho, que muitas vezes nem isso é, mas que, quer num caso, quer noutro, é sempre uma arma em potência.

Será aí que se deve trabalhar. O automóvel adquiriu em Portugal funções paralelas à de simples meio de transporte. O automóvel fornece a quem o conduz uma sensação de posse, torna-se num objecto de afirmação pessoal e é nesse sentido utilizado. As altas velocidades são o processo ideal, a ultrapassagem é o meio privilegiado dessa afirmação que se procura e que não se encontra no quotidiano.

Esse trabalho de consciencialização da utilização do automóvel pode ser facilmente feito junto das crianças, futuros condutores, com resultados a longo prazo. Mas é preciso não esperar, é preciso também fazê-lo e urgentemente em relação aos encartados que já temos.

E, até lá, que tal melhorar os transportes colectivos?

ELEIÇÕES

1976 é ano de eleições. Depois da Assembleia da República e do Presidente da República é agora a vez das Autarquias Locais. Assim, e até 15 de Dezembro, os eleitores deverão ter já escolhido os seus representantes nos órgãos de poder local, cumprindo-se o que estabelece a Constituição da Re-

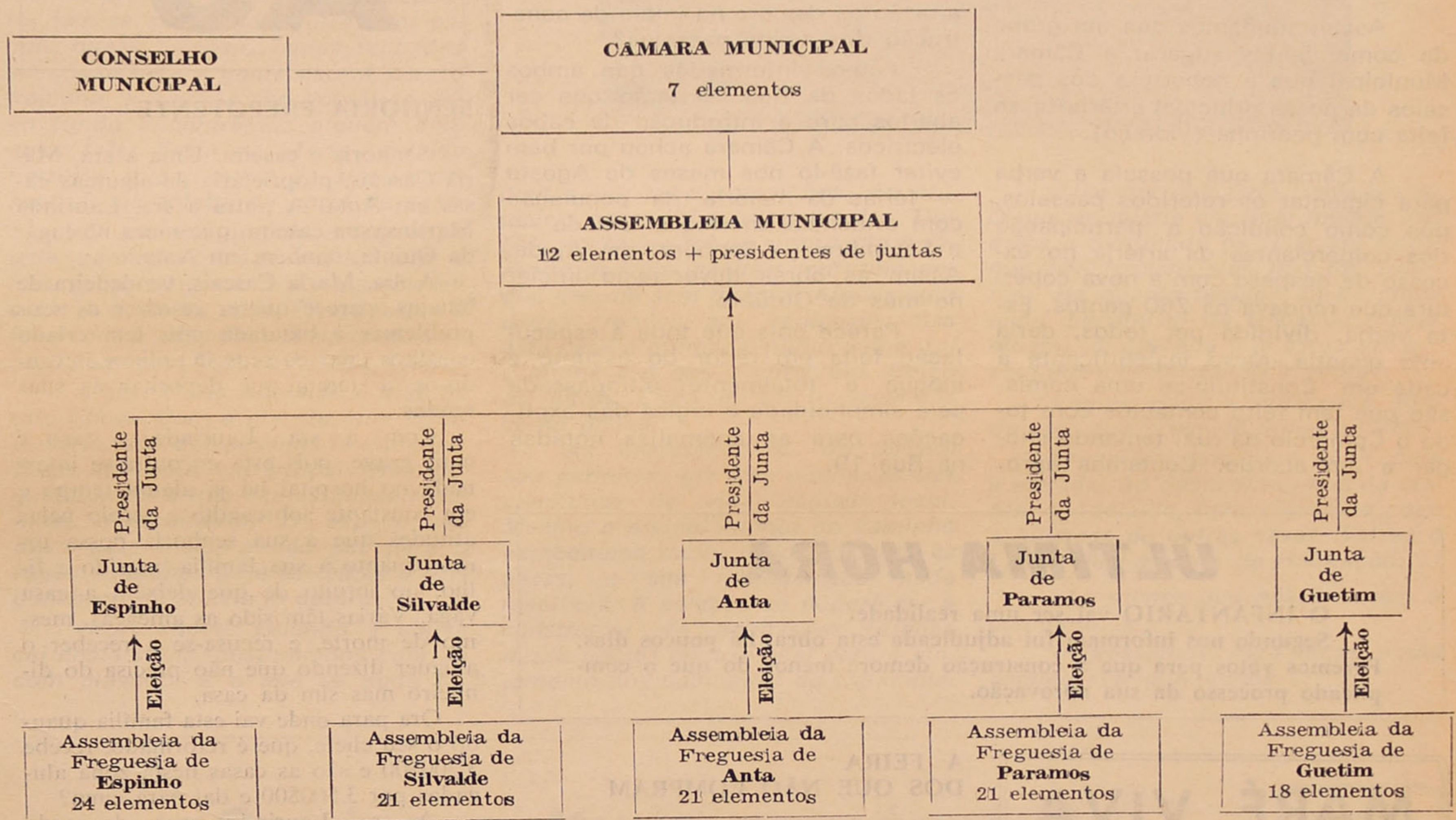
pública e dando-se o último passo na institucionalização dum regime democrático em Portugal.

Não será demais realçar a importância que estes órgãos poderão ter na descentralização da administração pública e que, esperamos, assentará numa maior autonomia para a resolução de

problemas locais imediatos e permitirá a transmissão, por essa via, das aspirações das populações ao poder central, quando deste depender a sua resolução.

O certo é que, de momento, pouco de concreto se sabe ainda quanto às atribuições de cada um desses órgãos.

(Continua na pág. 5)



PARA OUTUBRO POUCO FALTA...

1.

Numa altura algo «quente» da vida do País, altura em que se busca a unidade nos sindicatos, altura em que se preparam eleições locais, altura em que se discute profundamente a crise económica, seus porquês e suas soluções, numa altura em que se discutem graves questões da vida nacional, é curioso notar como o ENSINO tem sido um dos campos mais agitados. É curioso e sintomático. As pessoas sentem que os problemas económicos e políticos não são os únicos importantes; melhor, as pessoas sentem como a resolução dos problemas económicos

e políticos também passa pelo ensino. As pessoas sentem cada vez mais que o ensino, a escola tem a ver com muita coisa: tem a ver com a economia, tem a ver com a política, tem a ver com os trabalhadores, tem a ver com as classes dirigentes, tem a ver com a família, tem a ver com a democracia e o socialismo. Sim, com o socialismo. Num tempo em que quase toda a gente passa alguns anos na escola (e anos de formação), será utópico querer construir o socialismo nas costas da escola, será utópico querer fazer o socialismo na sociedade sem fazer o socialismo na

(Continua na pág. 7)

TEATRO EM ESPINHO



ASPECTO DA ASSISTÊNCIA

LEIA NOTÍCIA NA PÁGINA 8

COLÓQUIO SOBRE DELINQUÊNCIA JUVENIL

Realizou-se no passado dia 16, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, um colóquio sob o tema «Delinquência Juvenil». Apesar da importância do tema e da integração do colóquio nas Festas da Cidade, lamenta-se a falta de gente que se fez notar, o que só prova não haver da parte da população um interesse que seria de desejar. A orientar o colóquio esteve a eng.^a Maria Carolina Furtado Martins, da Obra de Nossa Senhora das Candeias. Apesar de ser feito com um número muito restrito de pessoas, foram fo-

cados aspectos importantes do problema. Pelo nosso lado entendemos que o debate não deveria ter ficado por aí e ser aberto a mais opiniões, pois só dessa maneira se poderão colher frutos, que possam adiantar algo para a resolução do problema. Se dissermos que no aspecto organizativo houve alguns erros também poderemos dizer que na maneira como se tentou levantar o problema os houve também. Apesar de tudo ficou a iniciativa. Que ela continue, pois parece-nos que o tema deve ser debatido mais profundamente.

OS PASSEIOS DA RUA 19

Muita tinta e saliva tem feito correr o estado actual dos passeios da Rua 19. O certo é que eles se encontram em mau estado, com bocados sem cimento, arrancado com a recente pavimentação da rua, embora minorados com porções de saibro. No entanto, cremos que algo haverá que justifique esse estado de coisas. Como não pretendemos tentar adivinhar a sua razão com as desvantagens que daí poderiam provir tentamo-nos informar.

Assim soubemos que um grupo de comerciantes sugeriu à Câmara Municipal que a cobertura dos passeios da nossa principal artéria fosse feita com pedrinha (vidraço).

A Câmara que possuía a verba para cimentar os referidos passeios, pôs como condição a participação dos comerciantes da artéria no excesso de despesa com a nova cobertura que rondava os 260 contos. Esta verba, dividida por todos, daria uma quantia quase insignificante a cada um. Constituiu-se uma comissão que tem feito contactos com todo o Comércio da rua, tentando chegar a um acordo. Contamos apro-

fundar mais este assunto no próximo número.

Cremos que este novo cenário da Rua 19 em muito a beneficiará tanto do ponto de vista comercial como turístico, pelo que felicitamos os comerciantes pela feliz iniciativa. O material possui características muito nacionais e a sua escolha é ainda reforçada pela sua utilização na esplanada e no Largo da Graciosa.

Mas, no entanto, uma outra pergunta se põe, muito pertinente: qual a razão da demora no início da construção dos novos passeios?

Fomos informados que ambos os lados da Rua 19 terão que ser abertos para a introdução de cabos eléctricos. A Câmara achou por bem evitar fazê-lo nos meses de Agosto — férias da maioria da população com afluência enorme à Cidade — e Setembro — Senhora da Ajuda. Assim as obras dever-se-ão iniciar no mês de Outubro.

Parece pois que toda a especulação feita em redor do assunto é inútil e totalmente ultrapassada pela simplicidade e lógica das explicações para as anomalias notadas na Rua 19.

NO TI CI AS

SENHORIA PREPOTENTE

Senhoria e caseira. Uma a sra. Maria Cascais, proprietária de algumas casas em Anta. A outra a sra. Laurinda Martins, sua caseira, que mora no lugar da Quinta, também em Anta.

A sra. Maria Cascais, vendedeira de batatas, parece querer resolver os seus problemas à batatada pois tem criado conflitos com os seus inquilinos, levando-os a terem que depositar as suas rendas.

Com a sra. Laurinda o caso é mais grave, pois esta encontra-se internada no hospital há já algum tempo e em constante sobressalto e receio pelas atitudes que a sua senhoria possa tomar quanto à sua família, marido e filho, no intuito de que deixem a casa vaga. Várias têm sido as ameaças, mesmo de morte, e recusa-se a receber o aluguer dizendo que não precisa do dinheiro mas sim da casa.

Ora para onde vai esta família quando o seu chefe, que é reformado, recebe 3.300\$00 e são as casas nesta zona alugadas por 3.500\$00 e daí para cima?

A sra. Laurinda paga de renda à sra. Maria Cascais 600\$00 e já lá vive há cinco anos, não podendo entregar a casa vazia à senhoria como esta deseja.

Será bom que se saiba que a sra. Maria Cascais tem habitação e até nos baixos da casa montou um bar.

Quase dois anos e meio após o 25 de Abril, que restituiu ao povo português o direito de ser livre e de possuir habitação condigna como consagra a Constituição, a sra. Maria Cascais sente-se encorajada (porquê?) a agredir verbalmente e a ameaçar os seus inquilinos para que lhe deixem vagas as casas onde legalmente residem.

O Povo quer viver em democracia, rumo ao Socialismo, apesar de tentativas prepotentes que a pretendam contrariar.

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

POR ONDE ANDA A SAÚDE?

Já não é pela primeira vez que abordamos nas colunas de «Maré Viva», os problemas da assistência médica. É um facto que a saúde, neste país, anda pelas ruas da amargura e o facto ocorrido com o sr. Herculano Rodrigues do Couto, de 57 anos, vidraceiro, morador na Rua 62, vem mais uma vez provar este facto.

Depois de haver consultado o doutor, o sr. Herculano teve que, por indicação do mesmo ser internado no hospital de Santo António para poder fazer uma operação ao estômago. Assim, deu entrada no dito estabelecimento hospitalar no passado dia 1, com a operação marcada para o dia 10. Os dias correndo, e o sr. Herculano esperando pela operação que poder-lhe-ia tirar aflições quanto à sua doença estomacal. Chegado que foi o dia marcado (10), muito espantado ficou, quando lhe disseram não poder fazer a operação naquele dia. A data então marcada passou a ser o dia 16. Um tanto ou quanto transtornado, o sr. Herculano lá foi aguentando na expectativa de que «quem espera sempre alcança.» Eis que chega o dia 16. Após toda aquela espera, poder-se-ia dizer que a operação não vinha sem demora. Logo pela manhã o doente é preparado para a operação: limpeza do corpo, sonda no nariz e operação à vista. Mas na realidade, o sr. Herculano via-se naquela situação e de lá não saía. Minuto após minuto, hora após hora, esperando em vão, o doente resolveu falar ao médico. Que não; que não era operado naquele dia, foi a resposta. Espantadíssimo, o sr. Herculano inquiriu: «Estou com uma sonda uma manhã inteira, e se não me lembro de vos perguntar, ficava o resto do dia?» Ao que o médico, muito calmamente, responde: «Isto aqui é normal.»

Será? Serão mesmo normais acontecimentos destes? É bem verdade! Pois quem o disse foi uma pessoa directamente ligada ao assunto. Depois disto que se poderá dizer? É um facto que a saúde anda muito mal. É também um facto que quem tem dinheiro não passa por situações destas. A clínica privada resolve-lhes o problema. Mas quem o não tem, precisa que estes casos desapareçam de uma vez por todas. A saúde é um bem comum e para assim o ser é necessário cortar o mal pela raiz. Porque quem não tem possibilidades de comprar a sua saúde (e a saúde não deve ser comprada) faz como o sr. Herculano: abandona o hospital e regressa a casa com o seu mal ainda por curar. Até quando?

LIAMBA QUE DESCE

No último número de «Maré Viva», noticiávamos o aparecimento de um pé de liamba no lugar de Espinho. Desta vez a planta desceu alguns metros e veio aparecer no quintal do sr. Aurélio Moreira da Silva, de 65 anos e morador na Rua 62, n.º 974. De facto, por este andar, não tardará muito que a procurada planta venha a aparecer na avenida ou esplanada da cidade. Desta vez, foi a polícia que a descobriu, aquando de uma rusga nocturna. Chamado a prestar declarações, o sr. Aurélio disse desconhecer ter tal planta no seu quintal. Posta em campo, a polícia investiga e o facto de em 2 semanas terem aparecido 2 pés, é sintoma de que talvez mais alguns haja e que é preciso detectar. Esperemos que o leitor não se sinta espantado se for no seu quintal que tal venha a aparecer. Atenção pois!

ÚLTIMA HORA

O INFANTÁRIO vai ser uma realidade.

Segundo nos informam foi adjudicada esta obra, há poucos dias. Fazemos votos para que a construção demore menos do que o complicado processo da sua aprovação.

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director (interino)

Víctor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria; Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; Augusto Mota; Dário Capelo; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; José Vasconcelos; Laura Gaio; Manuel Loureiro; Morais Gaio; Víctor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos P. Morais; José Carlos Leitão e Tibério Coelho.

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas

da Casa Nun'Álvares — Porto

A FEIRA DOS QUE NÃO COMPRAM

A feira de Espinho tem sido já centenas de vezes palco de actuação dos habilidosos ratoneiros que por lá se passeiam nas segundas-feiras. Mais uma vez tal voltou a acontecer. No dia 6 foi o sr. Rodrigo Oliveira Pinto, de Albergaria-a-Velha que, viu fugir a sua carteira com a importância de 55\$00 e todos os documentos. Do ocorrido só se lamenta o «visitante» de todos os seus documentos terem desaparecido, já que a quantia não foi lá grande perca. Mas se os larápios ficaram pouco melhor da sua carteira com este «desvio», já tal não aconteceu na feira seguinte (dia 13) em que a sra. Maria da Graça Lourenço, de Vildemoinhos, Viseu, viu fugir muito maior quantia. Desta feita os larápios levaram 3.100 marcos, o que em dinheiro português perfaz a quantia de 38.130\$00. Sem dúvida alguma que desta se desforaram os «mãos ágeis». Mas quem não ficou muito contente foi a sra. Maria da Graça, pois ficou sem o seu dinheiro para as compras de algumas semanas.

Do facto tomou conhecimento a P.S.P. local que tentará dar a melhor solução possível ao caso.

S. Paio de Oleiros

ADIVINHA — Tem corrido de boca em boca em Oleiros uma interessante adivinha, que vem apaixonando a opinião pública local:

*Deitaram fogo na igreja,
P'la porta da sacristia
Mas ninguém sabe quem seja.
Você sabe quem seria?*

E que tal uma ajudinha da Polícia Judiciária?

CICLISMO JUVENIL — Entusiasmados pela realização da tarde desportiva aqui organizada há dias pela Comissão de Festas, ciclistas de palmo e meio efectuam diariamente o seu circuito, talvez preparando-se já para as voltinhas do próximo ano.

Não devendo nós de modo algum desencorajá-los desta saudável prática desportiva, julgamos, no entanto, útil prevenir os seus papás de que o circuito não está encerrado ao restante trânsito, como acontece no dia das corridas.

Na imprevidência da idade destes mini-ciclistas, é fácil vê-los passar do lado esquerdo da via, a olhar para os competidores que vêm atrás, esquecidos por completo do que lhes podem reservar a esquina ou a curva que vão dobrar.

E se é a Morte quem se aproxima?

Lourosa

Espectáculo a favor da Lourocoop

Realizou-se, na noite do passado sábado, na Sala do Grupo Cénico, em Lourosa, uma sessão de teatro que contou com a presença do G. A. C., dos Carvalhos. Esta iniciativa integra-se numa Campanha de recolha de fundos para a LOUROCOOP cujas actividades, na zona, serão dadas a conhecer, brevemente, no «Maré Viva».

FARMÁCIAS

QUARTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone, 920092

QUINTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone, 920352

SEXTA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone, 920331

SABADO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone, 920250

DOMINGO — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone, 920320

SEGUNDA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone, 920092

TERÇA — Farmácia Teixeira
Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352

ESCRITAS

PART-TIME

Quaisquer serviços de escritório

Mário A. A. Ferreira

Apartado 47 — Espinho

Fomos ao Bairro do Caramulo

Tinhamos falado do Bairro do Caramulo, em Nogueira da Regedoura. Diziam-nos que mais de uma centena de pessoas ali viviam em condições extremamente deficientes. A própria Comissão Administrativa da Junta tinha manifestado as suas preocupações e lamentado a incapacidade dos seus meios para resolver os graves problemas que afligem toda aquela gente.

Fomos lá ver. Junto à estrada, num terreno pedregoso e muito inclinado, escondidos por altos pinheiros, umas poucas dezenas de pequenas casas térreas alinhavam-se até ao fundo da ravina. Do lado oposto e também alinhados estavam pequenos aídos e galinheiros. A separar, um caminho rochoso e difícil. Cá em cima, isolado das habitações, um tanque e um fontenário, que há cerca de um ano foram motivo de rija festa para os habitantes do Caramulo.

Fomos descendo. À medida que o fazíamos íamos reparando nas casas. As primeiras, com melhor aspecto, iam-se sucedendo outras em estado quase ruinoso. Todas fechadas — quase toda a gente estava para o trabalho, a maioria são operários. Só ao fundo encontramos alguém com quem falar. Era a sra. Maria Adelaide Ferreira que tratava da sua roupa, sentada na soleira da porta de casa.

«O que era preciso era arranjar este caminho. Ainda noutro dia o meu sogro sentiu-se mal e a ambulância não pôde vir aqui. Tiveram que o levar até à estrada e à noite não se vê o caminho. Está-se sujeito a cair».

A sra. Maria Adelaide é mãe de oito filhos. Com o marido, que é ferroviário, são dez pessoas lá em casa. Disse-nos para entrarmos. Uma pequena mesa e três camas quase resumiam o mobiliário. O espaço não dava para mais, a não ser para o fogão. Olhámos para as telhas e perguntámos se chovia lá dentro.

«Pois chove. Quando a chuva cai nesta cama, costumamos cobri-la com plástico. É o que se pode fa-

zer. Não há dinheiro para arranjar o telhado.»

As crianças já nos faziam companhia, atraídas pela conversa.

«Onde é que elas brincam? Então onde é que havia de ser? Quando não estão para a escola não têm outro sítio.»

Naquele lugar não há sequer uma fossa em condições. Cada um tem o seu buraco, onde despeja os dejectos. Falámos das casas.

«Este terreno é da Junta. Isto



dantes era tudo «maninho». As primeiras casas foi a Junta que deu. Depois, cada um foi-se arranjando e fazendo as suas casitas conforme podia, mesmo sem licença. Alguns aqui pagam rendas aos senhorios, mas esta casa é minha. É muito velha, foi a minha avó que a construiu. Como os outros. Cada um foi «cavacando» como pôde».

As características do terreno não permitem grandes melhorias das condições de vida naquele local. Mesmo o melhoramento do caminho pareceu-nos muito difícil. Quanto às casas, a sua remodelação nada resolverá. A solução só poderá ser a construção de habitações (dignas desse nome) noutro local para o alojamento dos habitantes do Caramulo.

«Esta Junta é que fez qualquer coisa. Pelo menos já temos um tanque e um fontenário. Não temos comissão. Quando é preciso qualquer coisa vai um ou dois daqui falar pela gente. Casas novas? Se ao menos nos arranjassem o caminho...»

A sra. Maria Adelaide não pode trabalhar. Uma doença nas mãos impediu-a de continuar no emprego. Esteve catorze anos a descontar para a caixa, mas não está a receber qualquer pensão.

«Não me deu para tratar disso. O que eu queria era ficar melhor das mãos e tive medo de falar em reforma, não fossem eles não me trataram. Há quanto tempo? Já há cinco anos que deixei de trabalhar. Mas olhem, fui operada e já estou um bocadinho melhor. Estão a ver?»

Fomos ainda a outra casa. Ainda pior que a que já tínhamos visto.

Preparámo-nos para subir para a estrada. Ao despedirmo-nos da sra. Maria Adelaide, levantámos de novo a hipótese de outras casas. Talvez o Fundo de Fomento de Habitação...

«Ao menos que nos arranjem o caminho...»

Regressámos. Para contar e não esquecer o que vimos.

Será a cultura comércio?

Tal como o ano passado recebeu a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, uma verba para subsídios a Colectividades Culturais da Freguesia.

Assim reuniu-se o Secretariado, organismo criado para funcionar junto do Presidente da Comissão Administrativa da Junta, composto por um elemento de cada Colectividade Cultural da Freguesia, e que para além de outros objectivos, tem por função a distribuição do referido subsídio.

Durante a reunião de trabalhos alguns elementos tomaram posições que não podemos deixar de referir e lamentar já que, se não combatidas através do esclarecimento podem efectivamente levar à comercialização da cultura.

Na verdade alguns elementos referindo-se a determinada colectividade comentaram que a mesma não precisava de subsídio, uma vez que dava espectáculos de «graça». Ora isto é grave meus senhores! Será que então o povo tem de pagar os

espectáculos a dobrar? Sim, pois esse dinheiro é já dinheiro do povo pois é fruto dos seus impostos. A resposta do delegado da colectividade atingida foi quanto a nós certa, pois que os subsídios são precisamente concedidos para que as colectividades possam fazer face às suas despesas. Assim os espectáculos poderão ser dados gratuitamente sendo assim as colectividades culturais o veículo por onde o Estado dê cumprimento ao n.º 3 dos artigos 70 e 73 da Constituição Portuguesa.

Sabemos que as colectividades enfrentam dificuldades económicas mas muitas das vezes os subsídios são suficientes.

Assim é bom que todos se capacitem que a Cultura não é nem pode ser um comércio por ser um direito de todos os cidadãos.

Artigo 70: n.º 3 — O Estado, em colaboração com as escolas, as empresas, as organizações populares de base e as colectividades de cul-

tura e recreio, fomentará e auxiliará as organizações juvenis na prossecução daqueles objectivos, bem como as formas de intercâmbio internacional da juventude.

Artigo 73: n.º 3 — O Estado promoverá a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos, em especial dos trabalhadores, à fruição e criação cultural, através das organizações populares de base, colectividades de cultura e recreio, meios de Comunicação Social e outros meios adequados.

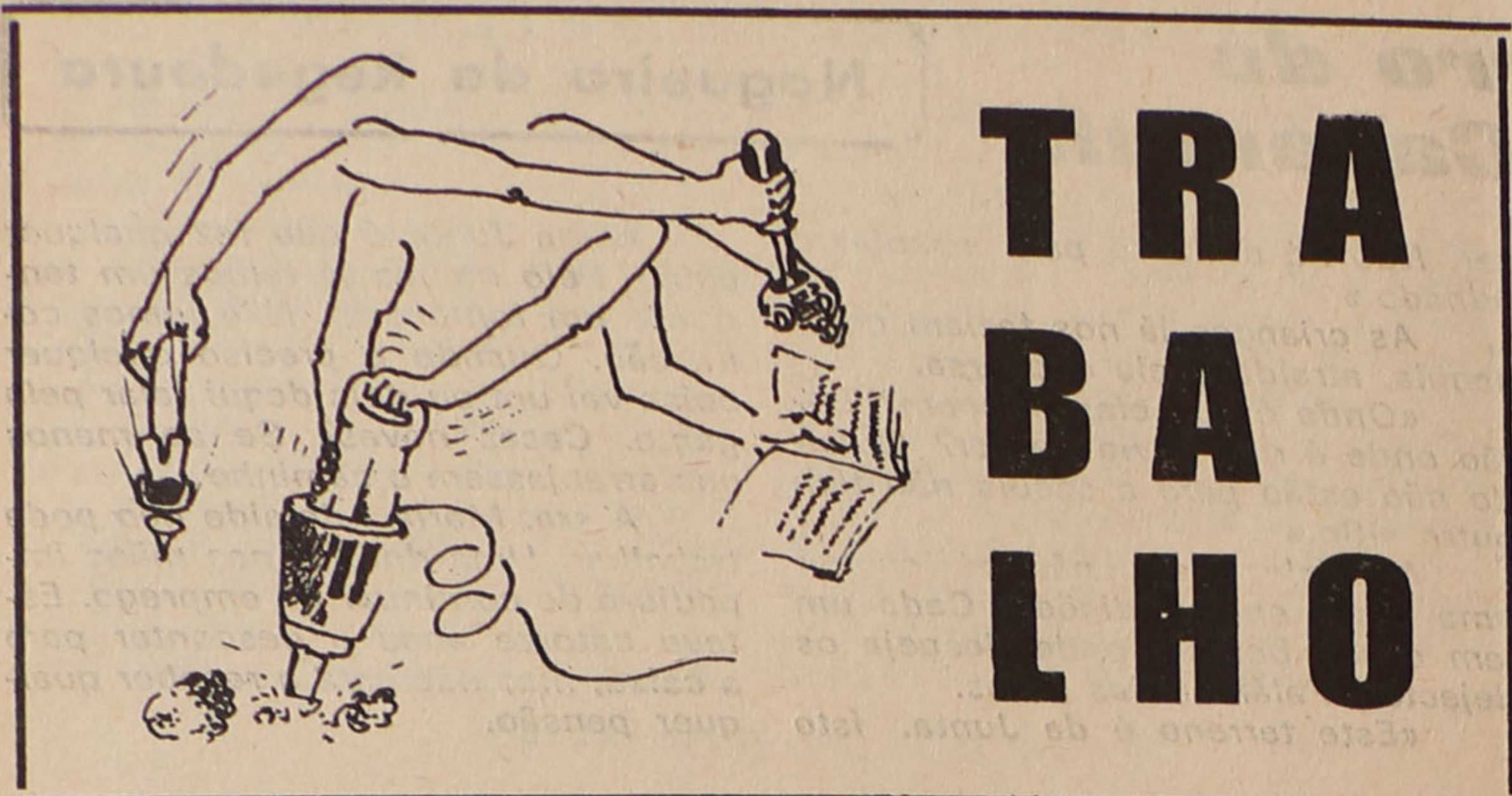
Grijó

Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA
— S. PEDRO



Na «Pereira Alves»

Diálogo é a via para a solução

O caso Pereira Alves, que temos vindo a noticiar, sofreu novo agravamento, conforme se depreende do comunicado do Sindicato dos Tapeteiros, publicado nos jornais diários e no último número do «Maré Viva».

Ao surgir matéria-prima no mercado nacional, tudo parecia indicar que estavam criadas condições para que a fábrica reatasse a laboração e ficassem dissipadas quaisquer dúvidas sobre a questão de haver ou não haver «lock-out».

Porém, para a aquisição de matéria-prima, a empresa necessitaria de um financiamento da Banca. Também aqui se não poriam quaisquer problemas pois, efectivamente, conseguimos apurar que financiamentos a pequenas e médias empresas, para aquisição de matéria-primas destinadas a satisfazer encomendas comprovadas, é operação a que a Banca não levanta grandes entraves. O que sucede é que a gerência da Pereira Alves se tem recusado a fazer desencadear o processo de financiamento, não assinando os documentos para isso necessários.

Cabe aqui abrir um parêntesis para sublinhar o papel dos importadores intermediários que, de posse da matéria-prima (Cairo), apenas a fornecem a pronto pagamento e a um preço que os pequenos indus-

triais consideram especulativo. É necessário, no mais curto espaço de tempo, acabar com este tipo de parasitismo que é inconcebível, sobretudo num sector com os problemas com que presentemente se debate a tapeçaria.

Voltando ao assunto, fica agora por saber qual a razão ou razões que levam os sócios da firma a recusar-se a apor o seu aval nos documentos de pedido de empréstimo. Não acreditarão que, com o cumprimento das encomendas que têm, arranjarão o suficiente para repor o financiamento, livrando de perigo os seus bens pessoais?

Se acreditam, que temem então?

Eis o que só se poderá saber se ambas as partes se sentarem à mesa do diálogo, expondo receios e garantias mútuas, debatendo soluções possíveis, encontrando-as e pondo-as em prática, o que não parece difícil.

Para isso devem ter comparecido na reunião prevista para a passada segunda-feira na Delegação do Ministério do Trabalho em Aveiro.

Entretanto, os trabalhadores permanecem nas instalações, sem receber salários. Está em curso uma campanha de solidariedade, com vista à recolha de fundos, que tem merecido apoio das comissões de moradores e de trabalhadores da zona.

É preciso acabar com a intimidação

O recente discurso do Primeiro-Ministro teve, como é óbvio, as mais desconstruídas leituras e interpretações. Muita gente parece não o ter interpretado no sentido de que à sua maneira, o dr. Mário Soares procurou convencer as pessoas de que a situação é má e de que será necessário um período de estabilidade social indispensável à recuperação económica.

Ora bom, houve quem entendesse, daquele discurso, que o tempo das arbitrariedades e prepotências estava de volta. É o que podemos retirar de um comunicado do Sindicato dos Tapeteiros e Cordoeiros, em que são denunciadas as situações nas firmas Sicor e Manuel Rodrigues Lima.

Na primeira daquelas firmas, a gerência tomou posição de não reconhecer os delegados sindicais e mesmo de lhes instaurar processos disciplinares. Ao mesmo tempo, tenta fazer encerrar o bar da fábrica, ameaçando vir a fazer o mesmo à cantina. Um dos en-

carregados começou a «sonhar alto» e já fala em andar de chicote na mão.

Na segunda, o sr. Lima diz aos seus «malandros e ladrões» que não tarda aí o tempo de eles voltarem a trabalhar de sol a sol, por dez tostões.

Numa terceira empresa, a Abel Rodrigues, de Esmoriz, chegou ao nosso conhecimento, foi despedido um operário sem o necessário processo disciplinar, por o sr. Rodrigues entender que o tempo dessas coisas já passou, e, agora, pode despedir à vontade.

É claro que não pode. Mas todos estes casos constituem um alerta para que fique claro que continua a haver gente interessada em sabotar a produção e a economia, provocando os trabalhadores de modo a, depois, dar a entender que a culpa é destes. Os governantes devem mostrar claramente que não apoiam estas atitudes. Como disse o General Eanes quando da sua passagem por Espinho — é preciso acabar com a intimidação!

Assembleia Geral de Corticeiros

Realizou-se, no passado sábado, dia 18, em Santa Maria de Lamas, na sede do Sindicato, uma Assembleia Geral de Trabalhadores Corticeiros. Na Ordem de Trabalhos constavam dois pontos:

1.º Aprovação do Orçamento Suplementar para o ano de 76; 2.º Apreciação do Projecto de Regulamento do Congresso dos Sindicatos.

Durante o primeiro ponto, o orçamento em discussão foi aprovado sem votos contra. Aberto o segundo ponto, os elementos presentes foram esclarecidos sobre o conteúdo dos documentos saídos das reuniões preparatórias do Congresso, em que participou a Direcção do Sindicato dos Corticeiros.

Esclarecer as suas bases e consultá-las, dentro dos prazos estipulados, é a preocupação constante dos elementos da Direcção que, no fim da reunião,

trocaram impressões connosco. Para levar a cabo essa campanha de esclarecimento e informação, a Direcção pensa, sobretudo, na realização de Reuniões Gerais, uma vez que este tipo de encontros permite ultrapassar as dificuldades burocráticas da convocação das Assembleias Gerais. Esta iniciativa assume uma importância tanto maior, quanto é certo que continua a existir uma larga franja de trabalhadores pouco esclarecidos sobre o que é uma Central Sindical, e sobre o real significado da existência de mais do que uma, questões básicas para a compreensão do movimento que atravessa o Movimento Sindical.

A Assembleia, apesar de alguns factores contra, como: dia, localização da sede, insuficiente difusão das convocatórias, teve a participação de bastantes trabalhadores.

«Maré Viva» e os trabalhadores

Duas amigas da fábrica corticeira «Nortenha» enviaram-nos a carta que passamos a transcrever:

Amigos, venho por meio desta pequena carta dizer-lhes que vou enviar o dinheiro dos jornais (jornais vendidos naquela fábrica) e vão mais (...) escudos que é para eu e outra colega ficarmos sócios deste jornal. Gostamos muito de saber o que se passa com os nossos colegas de trabalho.

Envio-lhes os meus cumprimentos.

Temos, ao mesmo tempo, conhecimento do desejo de muitos trabalhadores assinarem o nosso jornal. Muitos não sabem como o hão-de fazer. Outros julgam que seria necessário tornarem-se sócios da «Nascente», cooperativa que lançou este jornal, o que se tornava muito caro para quem não pode gozar de todas as regalias que ser sócio da «Nascente» confere.

Pois é muito simples: os amigos, de fora de Espinho, que quiserem fazer a sua assinatura do «Maré Viva», apenas precisam de enviar o seu nome e morada para **Jornal «Maré Viva» — Apartado 43 — Espinho**. Com estes elementos, devem enviar 180\$00 (pode ser em vale do correio) que é o preço de uma assinatura anual e só isso.

Agora amigo, se gostas deste jornal, faz isso, ainda hoje. Se gostas mesmo muito, fala nele aos teus amigos, e diz-lhes para assinarem também. Isso será grande ajuda que esperamos de todos.

Mas amigo, nem só de assinaturas, vive um jornal. Segue pois o exemplo das amigas operárias da «Nortenha» e escreve-nos dizendo do que gostas ou gostarias de ver aqui tratado, dos teus problemas, dos sítios onde nós não temos ido, das notícias que não temos dado, enfim, colabora connosco!

PUB.

Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro do País — Sede em Cortegaça

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no próximo dia 26 do corrente — Domingo — às 9 horas, na sede nova deste Sindicato, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação e aprovação do Relatório, Balanço e Contas do ano de 1975;
- 2 — Aderência ou não à Federação dos Têxteis;
- 3 — Discussão, sobre a criação de futuras actividades culturais;
- 4 — Discussão, da actual situação do Dirigente Domingos;
- 5 — Discussão, sobre o comportamento dos actuais membros Directivos

Se à hora não estiver presente número suficiente de sócios para que a Assembleia possa funcionar, a mesma funcionará uma hora depois com qualquer número presente de sócios.

Não faltes

O Presidente da Assembleia Geral,
a) Possidónio Marques da Silva

TRABALHO

«Luis da Loura»

O Sindicato convoca a Imprensa

O Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro, convocou para a passada segunda-feira uma Conferência de Imprensa, a realizar nas instalações da firma LUIS ALVES PEREIRA DA ROCHA, em S. João de Ver. Ao convocar essa conferência, o Sindicato teve o intuito de dar a co-

nhecer a actual situação das empresas geridas pelo Sr. Luis Rocha, em que, como temos dado notícia, estão em jogo 200 postos de trabalho, num conflito que se arrasta desde meados de Junho.

«Maré Viva», presente, dará sobre o assunto notícia, no próximo número.

Vergada

No «Valdemar» voltou-se ao trabalho

Na corticeira, «Valdemar», paralisada desde o princípio do corrente mês, os trabalhadores decidiram retomar o trabalho devido ao despedimento de um trabalhador. Iniciadas as negociações, os trabalhadores decidiram retomar a

laboração a fim de que estas pudessem decorrer em bom ambiente. Para a passada segunda-feira estava prevista nova reunião, uma vez que a questão do despedimento continua por resolver.

Eleições

(Conclusão da 1.ª página)

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Cada freguesia terá a sua Assembleia. Conforme se pode ver no quadro, o número de elementos varia em função do número de eleitores. Assim, Espinho terá 24 membros, Guetim 18 e os restantes serão constituídos por 21 elementos.

Cada partido ou corrente política que deseje concorrer, deverá apresentar a sua lista com o número exigido de suplentes (para todos os órgãos a eleger) e a Assembleia de Freguesia, face aos resultados, será preenchida pelo método de proporcionalidade utilizado nas eleições da Assembleia Constituinte e da Assembleia da República. O presidente da Assembleia de Freguesia será o cidadão que encabece a lista mais votada na freguesia.

A esta Assembleia competirá pronunciar-se sobre as questões que digam respeito à freguesia. Simultaneamente, funcionará uma Junta de Freguesia, com poderes executivos, e que será na devida altura eleita pela própria Assembleia de Freguesia.

CÂMARA MUNICIPAL E ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Como já se terá entendido, cada eleitor ao depositar o seu voto na respectiva secção de voto, estará a escolher uma lista que conterà os elementos para a Assembleia de Freguesia e também para os órgãos do município: a Câmara Municipal e a Assembleia Municipal. Ou seja, um único boletim de voto pronuncia-se sobre estes três órgãos. (Há já quem fale num boletim para cada um destes órgãos). Como é evidente, para a eleição dum Assembleia de Freguesia contam só os votos dessa freguesia e para a eleição da Câmara e Assembleia Municipal contam os votos reunidos de todas as freguesias do município. Aqui, como atrás, o método de preenchimento é o mesmo que se tem utilizado nas outras eleições.

A Assembleia Municipal, que terá funções idênticas às da Assembleia de Freguesia, mas agora a nível do concelho, será completada pela integração dos presidentes de todas as Juntas de Freguesia do município. Por este motivo, o presidente da Assembleia Municipal será designado por ela própria.

A Câmara Municipal terá, como é fácil de prever, funções executivas que exercerá em moldes não muito diferentes dos actuais. O seu presidente será, como acontece para as Assem-

Há, de facto, um decreto que regula a legislação para as Autarquias Locais e que teve a aprovação do VI Governo Provisório. No entanto, para valer como lei, este decreto necessita de ser aprovado pelo Conselho da Revolução e, eventualmente, ratificado pela Assembleia da República.

Esta ausência de legislação não evitou que já nesta altura os partidos e outras correntes políticas se estejam a movimentar para a constituição das suas listas, nomeadamente em contactos com pessoas para encabeçarem essas listas e que, obviamente, deverão ter uma certa reputação a nível local.

Mesmo em Espinho, serão poucas as pessoas que não tenham ouvido dizer que Fulano vai entrar na lista do partido A, que Beltrano estuda a proposta do partido B, etc.

Por isso achamos que vai sendo altura de se saber para que são as eleições de Dezembro, que órgãos vamos eleger e como os vamos eleger. E apesar de, como dissemos, o decreto que já existe não funcionar ainda como lei, é opinião generalizada que não será profundamente alterado, a não ser num ou noutro pormenor que não modificará o essencial. Foi servindo-nos desse decreto que elaborámos o quadro representado, que se aplica ao Concelho de Espinho, mas que servirá mesmo a quem não seja de Espinho para avaliar o que vai suceder no caso da sua freguesia e concelho.

QUAIS SÃO AS AUTARQUIAS LOCAIS ?

A Constituição da República indica como Autarquias Locais as Regiões Administrativas, os Municípios e as Freguesias.

As Regiões Administrativas não foram ainda criadas e até lá as suas funções são cumpridas pelos Distritos. Prevê-se mesmo que venham a corresponder muito aproximadamente aos Distritos actuais. Mas não são as Regiões Administrativas que vão estar em causa nas próximas eleições.

São sim os municípios e as freguesias que já existem. É aqui, quer nos municípios, quer nas freguesias que se vão eleger os órgãos administrativos de que vamos falar.

Começemos pelas freguesias.

Maré-rua

Festas de Nossa Senhora da Ajuda

Estão mais uma vez a realizar-se em Espinho as tradicionais Festas da Senhora da Ajuda, acontecimento habitual no Setembro da Cidade. Como também é hábito, a par das celebrações ligadas ao culto da padroeira de Espinho, inúmeras diversões e espectáculos lhe estão associados.

Procurámos ouvir opiniões sobre as Festas em geral, suas repercussões (negativas e positivas) para a Cidade e também sobre o programa deste ano que contém algumas novidades em relação ao tradicional.

Começámos pela Maria Amélia Azevedo Tavares que sobre a questão por nós proposta nos confiou o seguinte:

«Vejo as Festas da Senhora da Ajuda com grandes incómodos e desvantagens para a Cidade: deixam-na normalmente muito suja — costume associar a Senhora da Ajuda às cascas de melão nos passeios... — e além disso, como moro muito perto do local das diversões, devido ao ruído, só se pode dormir em minha casa a partir das 2 horas da madrugada! No entanto, não há dúvidas de que as Festas trazem dinheiro para Espinho, além de muito desassossego... Sobre o programa... estou-me nas «tintas»...»

Depois das «tintas» da Maria Amélia, metemos «água» com o sr. Vasconcelos:

«Não, não sou de cá!»
«Mas já ouviu falar das Festas da Senhora da Ajuda?» — insistimos.

«Não, não ouvi. Como lhe disse não sou de cá.»

...E tivemos sorte em nos dizer o nome! Mas decididamente hoje o sector feminino desforrou-se do retraimento habitual para responder a este género de inquéritos: a Maria Judite Proença pronunciou-se sobre a questão.

«Acho bem as Festas. As pessoas podem-se divertir nos «matrecos», carrocéis, etc. Vem muita gente a Espinho o que é útil à Cidade. No programa deste ano que ainda não conheço muito bem parece-me de

louvar a introdução de actividades culturais, ao lado das já habituais.»

Bom, continuamos em busca de um indivíduo do sexo masculino que fosse «de cá». Alguns esforços mais tarde, surge o sr. João Parêntese ao encontro das nossas aspirações. Eis o que nos disse:

«Gosto francamente das Festas. Este ano houve uma coisa que particularmente me desagradou. E isso foi o cartaz das Festas que me parece muito pobrezinho a contrastar com a importância das mesmas e da Cidade. O novo programa parece-me francamente bom pelas suas alterações ao habitual.»

A seguir aconteceu-nos algo que há muito não sucedia: levamos um «tampo». E como até nos bailes quando isso sucede costumamos insistir, fomos novamente para a frente de ataque, nada desmoralizados perante a simpática «nega» do simpatíssimo cavalheiro, pleno de colaboração. Como «quem porfia, mata caça», aqui estão as palavras do sr. Martins que bem «vivo» nos confiou:

«Li no MARÉ-VIVA o novo programa e concordo absolutamente com ele. Sou totalmente contra as ornamentações com os seus gastos supérfluos de energia numa altura em que o País tanto precisa dela. Não tenho mais nada a dizer. Ainda de salientar realmente o novo programa com aspectos desportivos e de convívio o que me parece muito de louvar.»

Eram horas de acabar. Já escrevemos bastante e molestamos o leitor ainda mais talvez... (Digam-me que não, sim?)

Para fechar, a opinião do sr. José Teixeira:

«As Festas trazem quanto a mim imensas vantagens: mais movimento na Cidade, maior afluência ao comércio local e, enfim, mais dinheiro para Espinho. O novo programa agrada-me.»

Ficamos por aqui e fomos para casa, preparando-nos para a Festa!

bleias de Freguesia, o primeiro da lista mais votada.

Haverá ainda um terceiro órgão municipal, apenas com funções consultivas, mas que, como as Juntas, não será objecto das eleições de Dezembro. Trata-se do Conselho Municipal, que será constituído por representantes de organizações profissionais, económicas, culturais e outras, com representatividade no município.

AS INOVAÇÕES

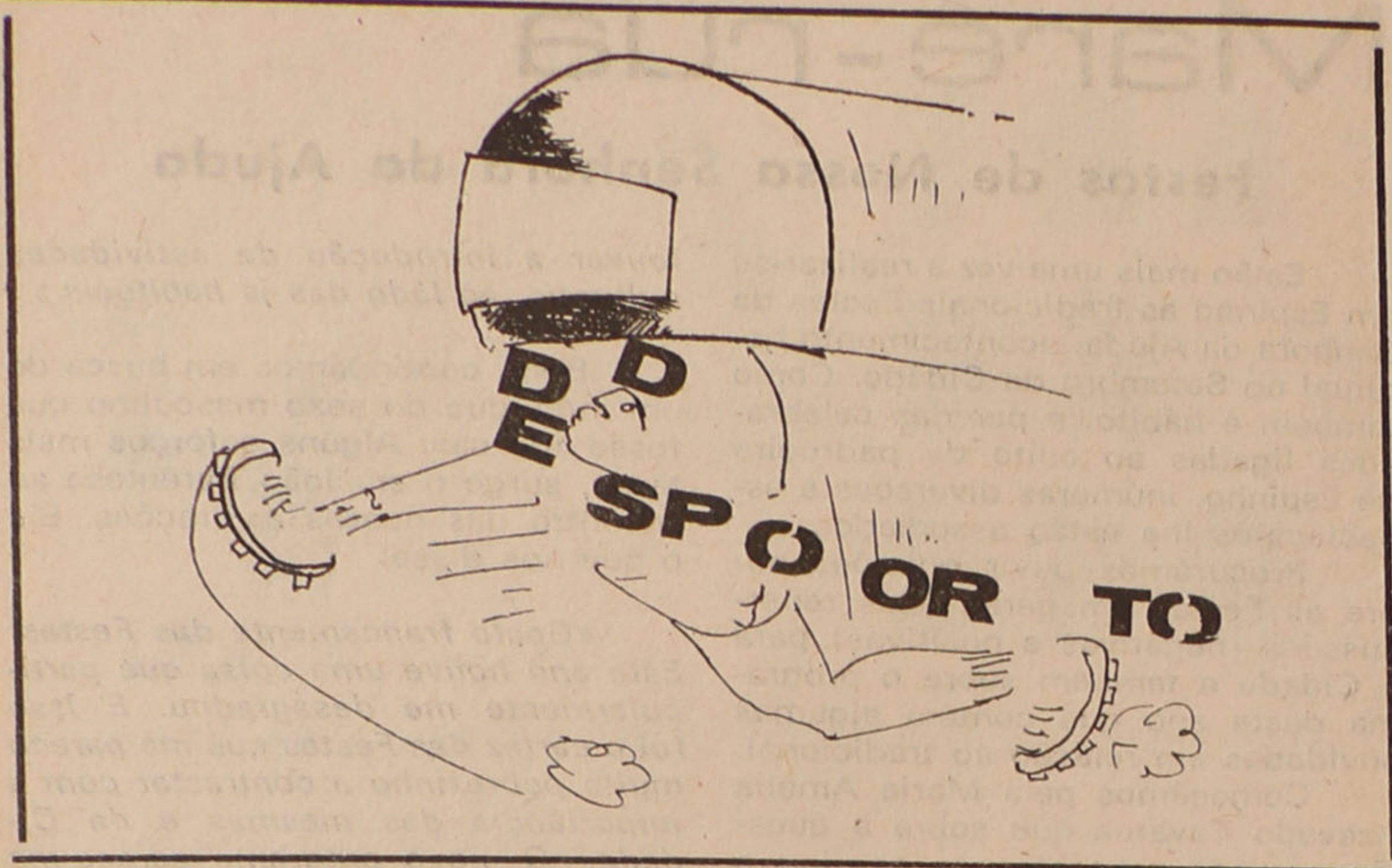
Da simples leitura deste pequeno resumo, não será difícil descobrir importantes alterações em relação ao sistema administrativo montado pelo regime fascista.

Se já o simples facto de serem as populações a escolherem os seus representantes não bastasse, surgem ainda dois órgãos que terão com certeza uma missão orientadora e fiscalizadora dos órgãos executivos tradicionais: a Assembleia de Freguesia em relação à Junta de Freguesia e a Assembleia Muni-

pal em relação à Câmara Municipal. Digamos, e salvaguardando as devidas proporções, que teremos em ambos os casos algo de muito parecido com o que acontece com a Assembleia da República em relação ao Governo Constitucional.

Saliente-se ainda a novidade da criação do Conselho Municipal que sendo apenas um órgão de consulta, poderá permitir a manifestação de opiniões bem fundamentadas de quem vive no seu dia a dia problemas de sectores importantes da vida económica e cultural do município.

Repetimos. As informações que aqui deixamos baseiam-se num decreto ainda não aprovado. Por isso admitimos que um ou outro número, este ou aquele pormenor venham a ser alterados. Cremos, no entanto, ter dado uma ache-ga que permitirá que os nossos leitores mais afastados deste assunto passem a ter uma ideia mais concreta do que vão ser as eleições para as Autarquias Locais.



Desporto também é festa

Ciclismo

Integrada no programa desportivo das Festas de Nossa Senhora da Ajuda esteve uma prova velocipédica que atraiu a atenção dum grande número de pessoas que enchiam quase completamente o perímetro do circuito.

A prova consistia num total de 75 quilómetros em 30 voltas a um circuito limitado pelas ruas 2 e avenida 8 respectivamente a poente e a nascente, e ruas 19 e 41 a norte e a sul.

A preceder a corrida houve uma apresentação ao público da equipa do Clube Académico de Espinho, colectividade esta que está a desenvolver os seus esforços para que o ciclismo crie raízes efectivas em Espinho.

A partida para a prova alinharam 23 ciclistas em representação do Futebol Clube do Porto, Safina, União de Coimbra, Sangalhos, Coimbrões, União de Paredes, Coelima, Fafe e o individual Manuel Amorim.

De salientar desde já a excelente média dos ciclistas (à volta de 50 km/h.) numa prova que decorreu quase sempre em pelotão compacto, pois o pequeno

grupo de 4 ciclistas que logrou andar 10 voltas isolado não teve mais do que 36 segundos de vantagem.

A classificação final dos cinco primeiros foi a seguinte:

- 1.º — Guilherme Rocha (Porto), 1h 32 m. e 16s.
- 2.º — Manuel Gomes (Safina), m. t.;
- 3.º — Domingos Barbosa (Coelima), m. t.;
- 4.º — Manuel Silva (Porto), m. t.;
- 5.º — Rui Azevedo (Sangalhos), m. t.

O F. C. Porto venceu por equipas seguido da Safina e do Sangalhos.

O vencedor do maior número de voltas foi Manuel Silva, do F. C. do Porto com um total de 14.

O vencedor da meta volante foi Rui Azevedo, do Sangalhos.

Finalmente há um reparo a fazer à organização por não ter tomado as medidas que se exigiam para que a zona da meta não fosse «inundada» de público, o que poderia ter provocado algum incidente de lamentar.

Atletismo

Também integrada no programa desportivo das Festas realizou-se uma prova de atletismo à qual esteve presente a título de convidado o atleta olímpico José Carvalho, e na qual participaram 845 atletas.

Bastante público acorreu a assistir, pois já há bastante tempo que não se via uma prova de atletismo em Espinho.

As provas efectuadas ofereceram-nos os seguintes resultados:

FEMININO

7/12 anos — 800 m. — 120 atletas

- 1 — Aurora Alice — Ramalde;
- 2 — Rosa Amélia — Ramalde;
- 3 — Maria Maia — Sarnes.
- 4 — LAURA ALVES — Sp. de Espinho

EQUIPAS

- 1 — Ramalde — 8 pontos
- 2 — Sarnes — 23 pontos
- 3 — Sp. de Espinho — 35 pontos.

MASCULINO

7 / 10 anos — 800 m. — 132 atletas

- 1 — ANTÓNIO NATARIO — Sp. de Espinho;
- 2 — Vítor Cardoso — Centro da Sé;
- 3 — António Valente — Centro da Feira;

7 — JOÃO AUGUSTO — Sp. de Espinho.

EQUIPAS

- 1 — Sp. de Espinho — 19 pontos;
- 2 — Independentes da Sé — 49 pts.;
- 3 — Centro da Feira — 52 pontos.

MASCULINO

11/14 anos — 1600 m. — 245 atletas

- 1 — Paulo Santos — Ramalde;

- 2 — Carlos Manuel — Válega;
- 3 — Jorge Monteiro — Esmoriz;
- 4 — ARLINDO CABRAL — Sp. de Espinho;

6 — AUGUSTO RACHÃO — Sp. de Espinho.

EQUIPAS

- 1 — Sp. de Espinho — 29 pontos;
- 2 — Chexu Bol — 30 pontos;
- 3 — Ramalde — 34 pontos.

FEMININO

Mais de 13 anos — 1600 m. — 42 atletas

- 1 — Vivalina Bastos — Válega
- 2 — Lourdes Silva — Paredes
- 3 — Olinda Cardoso — Ramalde.

EQUIPAS

- 1 — União de Paredes — 12 pontos;
- 2 — Ramalde — 19 pontos;
- 3 — Alfenense — 57 pontos.

CORRIDA DA LÉGUA

306 atletas

- 1 — Manuel Coelho — Independentes da Sé — 14 m. 54 s.
- 2 — António Sousa — Aprocred — 14 m. 59 s.
- 3 — Vítor Moura — Aguiarense — 15 m. 04 s.

29 — PAULO MALHEIRO — Sp. de Espinho.
30 — ANTÓNIO LEITE — Sp. de Espinho.

EQUIPAS

- 1 — Aguiarense — 21 pontos.
- 2 — Independentes da Sé — 23 pts.
- 3 — Aprocred — 48 pontos.

Voleibol

Torneio de Juvenis da AAE

Organizado pela Secção de Voleibol da A.A.E. e com o patrocínio da Comissão de Festas, realizou-se nos dias 13 e 14 no pavilhão Arq. Jerónimo Reis um torneio de voleibol para a categoria de Juvenis, no qual estiveram presentes as equipas do Esmoriz, Leixões, Sp. de Espinho e o clube organizador.

Na primeira jornada jogaram de início a A. A. E. é o Esmoriz tendo este último vencido por 3-2, seguindo-se o encontro entre o Leixões e o Sporting de Espinho no qual os matosinhenses triunfaram por 3-0.

Na segunda jornada jogaram em primeiro lugar os vencidos da véspera tendo o triunfo cabido à A.A.E. por 3-1. Na final defrontaram-se o Leixões e o Esmoriz num jogo onde a superioridade dos leixõesenses foi sempre evidente, pelo que a vitória final por 3-1 foi o desfecho lógico da partida.

Para finalizar queremos fazer apenas um reparo ao horário dos jogos, porquanto não nos parece muito lógico que competições desportivas decorram para além da meia-noite, como foi o caso em ambos os dias, com a agravante de os atletas em presença pertencerem à categoria de Juvenis.

SABIA QUE...

No próximo sábado, dia 25, pelas 22 horas, no Pavilhão da Académica de Espinho realiza-se uma sessão de demonstração de Karaté, pela Academia Shotokan, com elementos de ambos os sexos, vindos de Lisboa. Todos os interessados em praticar Karaté, devem inscrever-se na sede do Clube, todos os dias úteis das 17 às 20 horas.

O jovem futebolista espinhense Juca, que se iniciou no Sporting de Espinho, assinou contrato com o Vilanovense.

Uma comissão encabeçada pelo espinhense Carlos Ferreira, está a fazer diligências para formar o elenco desportivo da Associação de Voleibol do Porto. No entanto têm sido muitas as dificuldades desta, pois ninguém está interessado em ser director da Associação, nos moldes definidos no programa do Eng.º Vieira Monteiro, presidente da Federação.

Devido à falta de subsídios, a secção de Basquetebol da Associação Académica de Espinho não realiza o já anunciado torneio de verão.

Que medicina desportiva temos?

Fala-se hoje muito na remodelação das estruturas que formam o todo do Desporto Nacional.

Neste campo há muita coisa a fazer, começando, como aliás está programado, pela descentralização dos poderes gestores das modalidades desportivas, dando-lhes a eficácia que até agora tem faltado. Tem de aproveitar-se o material existente e promover o seu desenvolvimento sempre que a prática demonstre estar-se na presença de uma boa rota.

Tudo isto, e muito mais, são generalidades de um problema deveras importante, que se não foi totalmente descurado até esta data, vagou porém ao sabor de muitas correntes, sem nunca ter encontrado aquela que a levasse num rumo certo, até à meta a atingir.

Uma meta que sirva a todos, permitindo a prática do desporto a todo o português, com o apoio técnico, estrutural, material e sanitário na medida das necessidades.

É preciso não descurar o lado sanitário do problema (já sabemos como vai a saúde neste País), pois este tem de evoluir paralelamente com os outros e de forma acelerada.

O apoio dado ao desporto por um esquema científico de Medicina Desportiva, se não é nulo, é porque algumas modalidades dos centros desportivos mais importantes do País, e mesmo aqui, grande número de vezes a expensas dos próprios clubes, face à popularidade de que gozam, o praticam.

Mas os pequenos clubes dos pequenos centros, as escolas, as fábricas, que medicina têm, além daquela que (nem sempre) é feita e que consta de um exame médico anual para o exercício da competição desportiva?

Esse exame que é sumário (realizado por ser obrigatório) é feito grande número de vezes sobre o joelho, por médicos sem qualquer tipo de conhecimento de problemas do desporto.

Há que criar rapidamente uma Medicina Desportiva que chegue a todos, conseguindo assim os objectivos essenciais:

— Prevenção da doença, permitindo o desporto aos indivíduos capazes.

— Orientação das aptidões individuais mediante o estudo do atleta.

— Aplicação de novas técnicas de desenvolvimento das capacidades reais do ser humano.

— Vigilância dos desportistas e estudo das suas reacções aquando do esforço.

— Orientação do tratamento das lesões resultantes da prática desportiva, que pelas suas características e especificidade, necessitam de técnicas especializadas.

Como podemos concluir, não pode um rápido exame de rotina, ser aquilo a que se chama Medicina Desportiva.

Aguardemos esperançados que surjam rapidamente, para bem do Desporto, os alicerces apropriados que tanta falta têm feito a este desporto nacional cheio de fendas.

J. C. L.

Para Outubro pouco falta...

(Conclusão da pág. 1)

própria escola. Bem, mas isso seria outra conversa...

O ensino, portanto, tem estado «na berlinda». E porquê? Por três razões fundamentais:

1 — A substituição de diversas pessoas em cargos de grande responsabilidade dentro dos quadros do MEIC;

2 — O fim de uma série de inovações ligadas sobretudo ao Ensino Unificado;

3 — A incerteza generalizada quanto ao próximo ano lectivo, incerteza quanto a prazos de início do trabalho, quanto a professores, quanto a avaliação, quanto a gestão, etc.

Por estas três razões (além de outras de menor importância) temos assistido quase diariamente, a discussões, comunicados, tomadas de posição de partidos políticos, de associações de pais, de professores, de sindicatos, de escolas, de alunos.

2.

Mais uma vez se constata uma coisa antiga: a escola é um ótimo barómetro, onde são sentidas com agudeza as oscilações da vida política nacional. Ao sabor das ondas (quantas vezes mesquinhas e tão-somente partidárias...), a escola anda para trás e para a frente, vê os seus problemas adiados uma, duas, três vezes, vê as reformas feitas, desfeitas, refeitas, novamente desfeitas... e em risco de ficar tudo por fazer! Uma escola que continua adiada? Mais que isso: uma escola que parece querer voltar ao ponto de partida, fazendo tábua rasa de uma série de dados e experiências valiosíssimas que será, pelo menos, injusto deitar ao lixo sem outra explicação. «País sucessivamente adiado» — dizia o general Eanes. Pois é... Não se pode adiar o país, não se pode adiar as pessoas, não se pode deixá-las de lado para fazer este país.

3.

Numa altura em que forças comprovadamente direitistas e reaccionárias se lançam ao ataque sem vergonha, investindo já contra o Governo do Partido Socialista, torna-se necessário estar atento e cerrar fileiras. Dentro desta perspectiva, é perigoso fazer determinadas conces-

sões no campo daquilo que foi conquistada do 25 de Abril. Tomemos o exemplo do Ensino Unificado. Por muitos problemas que ele possa levantar, por muito grande que seja a preparação de alguns professores, por muito improvisado que fosse o seu lançamento, a verdade é que o Ensino Unificado é a primeira (e única) grande tentativa de alteração revolucionária das estruturas do ensino português. É o primeiro passo no sentido de transformações de fundo dentro da escola, é por assim dizer a tentativa de passagem de resolução política e social para DENTRO dos muros da escola. O Ensino Unificado está lá, a lembrar-nos permanentemente que alguma coisa de fundo mudou em Portugal. Claro que a partir daí é preciso muito trabalho, muito aperfeiçoamento, mas a porta está aberta.

Ora pôr de lado neste momento determinados aspectos fundamentais do Ensino Unificado, mesmo admitindo que por razões em parte válidas, é injusto e perigoso. Injusto, porque trai milhares de pessoas que se empenharam a fundo, a começar pelas crianças. Perigoso, porque vai dar pontos à direita num capítulo em que ela tão desesperadamente procura posições, além de lhe dar um novo alento para próximas investidas.

4.

A Constituição fala em garantir e preservar todas as conquistas fundamentais da Revolução. O Presidente da República reafirmou esses propósitos. Também o Governo asseverou que, aí, não se dará um passo atrás.

Ora bem: conquistas da Revolução não são apenas as liberdades, o controlo operário, a Reforma Agrária. São essas, mas são mais. São, sobretudo, o direito de transformar. São também as alterações no ensino, nos programas, nos livros, nos métodos pedagógicos, nas relações professores-alunos, na gestão. Essas são também autênticas, reais conquistas da Revolução que é preciso manter e pelas quais é preciso lutar com tanto empenho como se luta pela Reforma Agrária e pela liberdade de expressão. Com a certeza de que a Reforma Agrária e a liberdade de expressão de certa maneira também se ganham ou perdem na escola...

RASCUNHOS

Anda meio mundo atrapalhado, uma vez mais, com o famoso Imposto Complementar, respeitante agora a 1975, cujo impresso dá dores de cabeça a quem o preenche e cuja finalidade tributária dá dores de carteira a quem tem que esportular mais uns tantos escudos para os cofres nacionais.

Está estabelecido que tais impressos terão que ser depositados nas competentes repartições estaduais até ao próximo dia 1 de Outubro. Mas a verdade é que dois dias antes daquele em que rabisco estes **Rascunhos** (décimo quinto dia do mês de Setembro do ano da graça de mil novecentos setenta e seis) pelo menos em Espinho ainda se não conseguem adquirir os papelinhos porque a Tesouraria da Fazenda Pública diz não ter autorização para os vender. Isto porque, segundo a fonte que me informa, falta o papelucho que transcreve as instruções, e cuja única diferença em relação às que serviram para os rendimentos de 1974 é a das tabelas a aplicar para cálculo do imposto a liquidar.

As pessoas que estão bem metidas nestes assuntos tributários estão mais que habilitadas a preencher os impressos mesmo sem as instruções, estando até nas «tintas» para elas. O texto legal é já de sobejo conhecido e por certo, salvo raras exceções, não haverá erros

nas contas da tributação por parte de quem preencha o famoso «modelo 1». Mas não há ordem para vender os impressos e o que se perspectiva é que ou o contribuinte vai incorrer em penalidades por não cumprir o prazo legal, ou vai tudo ficar para a última hora (como é costume), ou se estabelece novo prazo e se dá assim mais uma machadada na eficiência dos serviços.

A burocracia mais uma vez emperre. Porque se não vendem os impressos? Porque as pessoas iam errar o seu preenchimento? Isso até seria uma boa fonte de receita para o Estado uma vez que contribuinte errado tinha que puxar dos cordões à bolsa e adquirir mais um papelucho. Vá lá, senhores responsáveis, dêem ordem a quem devem para vender os mágicos «modelo 1».

Carlos P. Morais

Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas das melhores regiões

JULIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça) ESPINHO

Precisa - se

- AJUSTADORES (de precisão)
- FREZADORES (de precisão)
- OPERADOR DE MÁQUINA DE RECTIFICAR (perfis)

A **CETAP** EM ESPINHO, ACEITA PROPOSTAS DETALHADAS PARA ADMISSÃO DE PROFISSIONAIS, DAS CATEGORIAS ACIMA MENCIONADAS, PARA O SEU QUADRO DE

SERRALHARIA

RESPOSTAS A **CETAP** — APARTADO 60

ESPINHO — TELEF.921226

ANTÓNIO MATOS

AGRADECE QUE SEJA CONSIDERADO QUE SÓ PODERÃO SER LEVADOS EM CONTA O CARÁCTER E A CAPACIDADE PROFISSIONAL DOS CANDIDATOS

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

"O SAL DA TERRA"

Filme produzido por H. J. Biberman e Michael Wilson em 1953.

Tem como tema uma greve de mineiros em Janeiro de 1952, numa mina de Silver City no Novo México, E.U.A.

Os actores foram escolhidos entre os mineiros que participaram na greve.

Biberman consegue neste filme ultrapassar o aspecto documental da simples narrativa histórica dum conflito social, dando à história que nos conta, um enredo dramático da melhor qualidade:

— Servindo-se dum casal de mineiros (Ramon e Esperanza Quintero) ele consegue que o espectador viva intensamente os dramas afectivos que o casal tem de vencer para se enquadrar na luta que é de todos.

Esperanza aparece-nos a o princípio com a imagem da mulher para quem o centro das preocupações é o lar, personificado no filho e no marido.

A morte de um mineiro no fundo da mina funciona como descoberta das condições de trabalho, do perguntar porquê essa morte, da necessidade da greve, etc.

As situações sucedem-se de tal forma que os conflitos colectivos alternam com os conflitos individuais, até então abafados.

A vitória colectiva final aparece-nos também como uma vitória dos indivíduos sobre si mesmos: um mesmo movimento leva os grevistas à vitória, e Ramon Esperanza a uma união mais profunda, mais consciente.

Sem deixar de ser um filme de acção, «O SAL DA TERRA» é também a narrativa duma tomada de consciência, tomada de consciência colectiva (as relações entre trabalhadores, entre homens e mulheres) e, sobretudo, duma tomada de consciência individual (caso do sacal Ramon e Esperanza) e da sua evolução.

TEATRO EM ESPINHO

Conforme tínhamos vindo a anunciar a Nascente organizou uma sessão de teatro no salão polivalente da Escola Industrial e Comercial de Espinho, com a peça «O Santo Inquérito» pelo Seiva Trupe, no passado dia 15. E, apesar do local se poder considerar pouco central, fora do trajecto habitual das pessoas, a verdade é que a lotação esgotou rapidamente, encontrando-se o recinto repleto, com muita gente de pé. O primeiro ponto positivo, a demonstrar o crescente interesse do público local pelo Teatro, ainda que este seja muito diferente do que ele estava habituado a ver.

Teatro diferente, porque não se resume a trejeitos, a piadas, a jovens seminuas, a imbecilidades lançadas ao ar, a risos forçados, a estupidez transformada em dinheiro. Teatro diferente, porque transmite muito a quem o vê, porque reflecte num palco uma realidade, uma vivência. Teatro diferente porque não é ilusão forjada, quimera traiçoeira, mas sim a comunicação de situações, presentes ou passadas, que a todos dizem respeito. E mesmo as vozes caluniosas, que pretendem afastar as pessoas deste tipo de arte, apelidando-a de «política», como se sê-lo fosse um bicho de sete cabeças, nada conseguem, saindo-lhes o tiro pela culatra. Porque se entendermos política como jogos de gabinete, sorrisos, salameques, discursos pela rádio ou pela televisão, então este género de teatro não o é. Mas se, num sentido amplo, entendermos política como tudo aquilo que diz respeito à vida do homem em sociedade, aos seus problemas, aos seus conflitos, então teatro é política.

E será dentro deste quadro, que se inserem os objectivos da Nascente, como cooperativa cultural, procurando oferecer à população, como já tem dado suficientes provas, um acesso às fontes de cultura. Daí esta divulgação de teatro. Daí a presença entre nós do Seiva Trupe. Daí, a grande receptividade das pessoas, o elevado número de espectadores na passada quarta-feira.

Ao intervalo, os comentários sucediam-se. Aos grupos, entre fumo, gesticulando, comentava-se.

«Por um lado até me dá a impressão que esta mudança de local terá sido benéfica, pois apesar do que se poderia pensar, está cá muita gente.»

«...E a reagir muito bem, perante um trabalho exemplar.»

«Os efeitos de luzes estão muito bem concebidos, a música de fundo é excepcional, a peça em si e o trabalho

ção dos privilégios da classe dominante. A Inquisição, o irracionalismo e a violência dos seus conceitos e dos seus métodos. A perseguição a todos aqueles ideais incómodos para quem dominava, para quem explorava. A peça de Dias Gomes tem como objectivo fundamental, não um ataque à Igreja à Religião, mas sim àqueles que dela



OS ACTORES DO SEIVA TRUPE AGRADECEM PERANTE O PÚBLICO QUE APLAUDIU DEMORADAMENTE

dos actores fantásticos, tudo isto apesar das más condições acústicas da sala.»

«Perante isto o que se poderá exigir mais?»

E apesar da seriedade da peça, parecia-se estar numa festa, numa festa de cultura. No final, o público, de pé, aplaudiu demoradamente toda a equipa. Que conseguiu um trabalho exemplar, levado até ao mais ínfimo pormenor. Não podemos estar a salientar este ou aquele sector, já que o seu nível é uniforme, formando um só todo.

A Igreja, a Religião, o papel das hierarquias eclesiásticas na manutenção da ordem pré-estabelecida, na conserva-

se serviam e servem, para reprimir e não para libertar.

Um espectáculo importante, no panorama teatral português. As tentativas duma cooperativa que entende cultura, não como privilégio, mas como direito de todos os cidadãos. Enfim, mais um êxito «NASCENTE».

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

NASCENTE cineclube

NO SALÃO DA PISCINA • SEXTA, 24, ÀS 21,30 HORAS
O FILME «O SAL DA TERRA»
DE HERBERT BIBERMAN

Entrada reservada a sócios, no entanto admitem-se novos sócios no início da sessão.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 22, Quarta-feira — «A Máquina do Amor» — Maiores de 18 anos.

Isto de comentar os filmes que por cá passam semana a semana não será tarefa fácil. Porque os nossos conceitos variam em certos casos do gosto público. Público que se deixa levar pela publicidade, ocorrendo em grande número a películas ditas pornográficas ou de violência, como será o caso do filme de hoje. Contudo continuamos a insistir e mais uma vez desaconselhamos a ida ao cinema.

Dia 23, Quinta-feira — «Os Desenrascados» — Maiores de 18 anos.

Não é «o mais divertido dos filmes cómicos desta temporada», como a publicidade presente. Será mais um filme,

sem grandes problemas que se poderá ver. Se o tempo e a disposição permitirem.

Dia 24, Sexta-feira — «Pecado Venial» — Maiores de 18 anos.

No meio de tanta porcaria que por aí abunda, esta película com Laura Antonelli não constituirá tempo perdido para quem a for ver.

Dia 25, Sábado — «Aventuras em Mares de Espuma» — Maiores de 13 anos.

Ao sábado um filme de pancadaria vem sempre a calhar. Aventura e emoção são os ingredientes usados. Para vender! E o espectador compra! Infelizmente!

Dia 26, Domingo — «Uma mulher da Rua» — Maiores de 18 anos.

Para quê comentários? É sempre a mesma coisa!

Dia 27, Segunda-feira — «Garotas & C.» — Maiores de 18 anos.

Simplesmente abominável!

Dia 28, Terça-feira — «Cenas da Vida Conjugal» — Maiores de 18 anos.

Um filme de Ingmar Bergman! Ainda que muito intelectualizado, de difícil compreensão, constitui uma película realizada com cuidado por mão de mestre. Experimente!

CASINO

Dia 22, Quarta-feira — «Jerry — Enfermeiro sem Diploma» — Maiores de 10 anos.

Ainda que este filme de F. Tashlin fique muito aquém das obras realizadas pelo próprio Jerry Lewis, só para vê-lo,

você deve ir ao cinema, já que não é todos os dias que lhe é permitido assistir ao trabalho dum grande actor como este.

Dia 23, Quinta-feira — «Missão Impossível» — Maiores de 18 anos.

Se é impossível, porque tentar?

Dia 24, Sexta-feira — «Sonhos do Passado» — Maiores de 18 anos.

Se quiser arriscar...

Dias 25 e 26, Sábado e Domingo — «Criado para todo o serviço» — Maiores de 18 anos.

Lando Buzzanca e meia dúzia de miúdas bem recheadas. Uma pepineira!

Dia 27, Segunda-feira — «As Agulhas de Ouro» — Maiores de 18 anos.

Homens à procura do segredo da virilidade. Com agulhas de ouro? Duvidamos da eficácia do processo.